

David Hume & Immanuel Kant: um diálogo filosófico**Marco Antônio Gambôa*****Resumo**

Este ensaio se propõe a apresentar, sob a forma de um diálogo fictício entre David Hume e Immanuel Kant, alguns aspectos centrais de seus pensamentos sobre a questão do conhecimento humano, com o objetivo de colocar em relevo, segundo a perspectiva de Kant, os pontos comuns entre eles, tanto quanto suas divergências fundamentais. Para compor o encadeamento do debate utilizando unicamente palavras dos próprios filósofos, cada passagem do diálogo foi extraída, no caso de Hume, do *Tratado da natureza humana* e da *Investigação sobre o entendimento humano*, e, no de Kant, da *Crítica da Razão Pura* e dos *Prolegômenos a toda metafísica futura que possa apresentar-se como ciência*.

Palavras-chave: Hume; Kant; Teoria do Conhecimento; Ceticismo.

Résumé

Cet essai se propose de présenter, sous la forme d'un dialogue fictif entre David Hume et Emmanuel Kant, certains axes directeurs de leurs pensées concernant la question de la connaissance humaine, afin de mettre en relief, d'après la perspective kantienne, aussi bien leurs points d'attache que leurs divergences fondamentales. Pour créer l'enchaînement de la discussion en n'ayant recours qu'au dire des philosophes eux-mêmes, chaque passage du dialogue a été extrait, dans le cas de Hume, du *Traité de la nature humaine* et de l'*Enquête sur l'entendement humain*, et, dans le cas de Kant, de la *Critique de la Raison Pure* et des *Prolégomènes à toute métaphysique future qui pourra se présenter comme science*.

Mots-clés: Hume ; Kant ; Théorie de la Connaissance; Scepticisme.

Introdução:

Como o título deste ensaio sugere, trata-se aqui de um diálogo fictício entre os filósofos David Hume (1711-1776) e Immanuel Kant (1724-1804), algo que nunca existiu na realidade. Sabe-se bem, de qualquer maneira, o quanto a História da Filosofia vai sendo escrita muitas vezes, senão mesmo sempre, a partir do diálogo, direto ou indireto, que os filósofos travam entre si em torno de determinadas questões, e para isso não há a menor necessidade de que sejam contemporâneos. Vezes fazendo objeções, outras absorvendo ensinamentos, não raro os filósofos dialogam com seus predecessores. Sabe-se bem,

* Professor de Filosofia da UERJ e Mestrando na mesma instituição com Bolsa FAPERJ Nota 10.

igualmente, como muitas vezes procura-se traçar paralelos entre alguns pensadores, seja para realçar afinidades, seja para colocá-los em oposição. São inúmeras, sempre, as possibilidades de se cotejar autores e obras filosóficas. No caso dos dois autores em questão, foi Kant quem dialogou com Hume indiretamente pelas tantas referências que fez a ele, e ainda que tenham sido contemporâneos, não há notícias de que tenham se conhecido ou trocado correspondências. Contudo, a leitura das obras dos dois autores intriga, e muito, e deixa mesmo transparecer que Kant conhecia bem as obras de Hume, pois há passagens em ambas, sobretudo pelas metáforas empregadas, que a ideia de uma conversa entre eles parece ir além da simples ideia. Mas é Kant quem conversa com Hume; quem ouve o que Hume tem a dizer; quem se deixa despertar de seu sono dogmático graças às palavras de Hume.

Todavia, da simples ideia à intenção de realizá-la, e a possível passagem do abstrato ao concreto, implicam algumas escolhas filosóficas e metodológicas. A primeira e mais fundamental opção metodológica foi a de construir as *falas* do diálogo unicamente a partir de passagens extraídas diretamente das obras dos autores, sem acrescentar-lhes uma palavra sequer e tampouco alterar-lhes a pontuação. Contudo, para uma melhor ordenação lógica do diálogo e clareza de exposição das ideias discutidas, optou-se, quando se julgou necessário, pela subtração de palavras ou frases dos extratos utilizados, indicado o procedimento pelo emprego da reticência entre parênteses [...], como usualmente se faz em citações. Ademais, a inserção no diálogo dos trechos extraídos dos textos não obedece necessariamente à sequência original neles encontrada: por exemplo, se na obra de um dos autores o trecho A encontra-se antes do trecho B, e ainda que ambos estejam em um mesmo parágrafo, na construção do diálogo eles podem estar em posições invertidas, ou seja, B vindo antes de A.

Quanto às questões filosóficas escolhidas para comporem o debate, que gira prioritariamente em torno da Teoria do Conhecimento, procurou-se privilegiar trechos que abordem os seguintes temas: (a) origem do conhecimento; (b) limites da razão e da experiência; (c) querela entre dogmatismo e ceticismo; (d) crítica à metafísica.

Para facilitar o reconhecimento imediato das obras citadas ao longo do diálogo, ao final de cada *fala* encontra-se a abreviação da obra com a página da qual foi extraído o trecho utilizado. Ao final do diálogo encontram-se a indicação das abreviações empregadas e as referências bibliográficas.

No primeiro momento, o diálogo procura colocar em destaque o que parece ser um desconforto de Hume diante das críticas que sofria de seus contemporâneos, que dentre outras, o acusavam de ser ateu e negador dos princípios morais, por causa do posicionamento filosófico cético que assumira em suas reflexões. As consequências chegaram mesmo a refletir em sua tentativa de lecionar na universidade de Edimburgo, que malogrou por interferência de influentes opositores descontentes com a publicação do *Tratado da natureza humana*, em 1739-1740, quando Hume contava apenas com cerca de 27 anos. Contudo, é interessante observar que as passagens utilizadas nesta parte inicial do diálogo encontram-se no *Tratado*, o que parece sugerir que mesmo antes de publicá-lo o jovem Hume já era alvo de duras críticas. Por outro lado, ainda no primeiro momento do diálogo, procurou-se também evidenciar o grande apreço e profundo respeito que Kant nutria pelo filósofo escocês, justamente pelo reconhecimento da importância da perspectiva cética assumida por ele em suas reflexões sobre o conhecimento humano.

Num segundo momento do diálogo procura-se ressaltar os pontos de vista de cada um dos filósofos e as análises de Kant quanto ao que poderia ter sido desconsiderado por Hume em suas investigações, conduzindo-o, assim, ao insucesso. Como se procurou preservar a argumentação desenvolvida por cada filósofo na defesa de suas ideias, os trechos na segunda parte do diálogo são notadamente mais longos.

Por último, gostaria de observar que este ensaio é o resultado de um exercício, de uma experimentação filosófica através da qual se procurou evitar que a exposição dos pensamentos dos autores fosse feita por meio de comentários ou qualquer outra forma que implicasse uma participação maior daquele que os expõe do que apenas a seleção necessária dos trechos utilizados no diálogo e da ordenação que se lhes deu, o que em si já implica e exige uma tomada de posição. Neste sentido, este ensaio pode ser entendido como uma *colagem filosófica* onde só há citações, esperando-se, contudo, que estas tenham

sido bem encadeadas e cumpram com o objetivo filosófico proposto, o qual também inclui a opção de não se apresentar uma conclusão ao final do diálogo.

DIÁLOGO

—

Hume: - Antes de me lançar nessas imensas profundezas da filosofia que jazem diante de mim, porém, sinto-me inclinado a parar por um momento em meu posto presente, a fim de ponderar sobre a viagem que ora empreendo, e que, sem dúvida, requer o máximo de arte para ser conduzida a um termo feliz. Sinto-me como um homem que, após encalhar em vários bancos de areia, e escapar por muito pouco do naufrágio por navegar por um pequeno esteiro, ainda tem a temeridade de fazer-se ao mar na mesma embarcação avariada e mal tratada pelas intempéries, levando a tal ponto sua ambição que pensa em cruzar o globo terrestre em circunstâncias tão desfavoráveis (TNH, p. 296).

Kant: - Mas, para colocar seu barco em lugar seguro, levou-o até a praia (ao ceticismo), onde poderia permanecer e apodrecer (PRO, p. 106).

Hume: - A condição desoladora, a fraqueza, e a desordem das faculdades que sou obrigado a empregar em minhas investigações aumentam minhas apreensões. E a impossibilidade de melhorar ou corrigir essas faculdades me reduz ao desespero, fazendo-me preferir perecer sobre o rochedo estéril em que ora me encontro a me aventurar por esse ilimitado oceano que se perde na imensidão (TNH, p. 296).

Kant: - Me é de enorme importância dar-lhe um piloto que possa manobrar o barco com firmeza, de acordo com os princípios seguros da arte náutica, retirados do conhecimento do

globo, e, munido de uma carta náutica completa e de um compasso, levá-lo para onde melhor lhe parecer (PRO, p. 106).

Hume: - Em um primeiro momento, sinto-me assustado e confuso com a solidão desesperadora em que me encontro dentro da minha filosofia; imagino-me como um monstro estranho e rude que, por incapaz de se misturar à sociedade, foi expulso de todo relacionamento com os outros homens e largado em total abandono e desconsolo. (...) Clamo a outros que se juntem a mim para formarmos um grupo à parte; mas ninguém me dá ouvidos (TNH, p. 296).

Kant: - Por mais precipitada e incorreta que fosse sua conclusão, baseava-se pelo menos numa investigação, e esta investigação merecia certamente que os bons cérebros de sua época se tivessem unido para dar ao problema, exposto por Hume, uma solução talvez mais feliz (PRO, p. 103).

Hume: - Expus-me à inimizade de todos os metafísicos, lógicos, matemáticos e mesmo teólogos; como me espantar, então, com os insultos que devo sofrer? (TNH, p. 297)

Kant: - Mas o destino, desde a muito desfavorável à metafísica, não permitiu que Hume fosse compreendido por ninguém (PRO, p. 103).

Hume: - Declarei que desaprovo seus sistemas. Como me surpreender se expressarem seu ódio a meu próprio sistema e a minha pessoa? Quando o olho em redor, prevejo, por todos os lados, disputas, contradições, ira, calúnia e difamação. (...) O mundo inteiro une-se contra mim e me contradiz (TNH, p. 297).

Kant: - Não se pode deixar de sentir uma certa pena ao verificar que seus adversários Reid, Oswald, Beattie e finalmente Priestley não haviam percebido nem de longe o ponto crucial da questão (...) procurando demonstrar, ao contrário, com ardor e muitas vezes com grande arrogância, aquilo que Hume jamais pensara em pôr em dúvida, ignorando de tal maneira o seu aceno para uma renovação que tudo permaneceu no antigo estágio, como se nada tivesse acontecido (PRO, p. 103).

Hume: - Mas minha fraqueza é tal que sinto todas as minhas opiniões se desagregarem e desmoronarem por si mesmas, quando não suportadas pela aprovação alheia (TNH, p. 297).

Kant: - Mas os adversários deste homem célebre deveriam ter penetrado, para que sua tarefa fosse satisfatoriamente cumprida, profundamente na natureza da razão enquanto ela se ocupa apenas com o pensamento puro, o que lhe era muito penoso (PRO, p. 103).

Hume: - Pois com que confiança poderia eu me aventurar em empresas tão audaciosas, quando, além das inúmeras deficiências que me são peculiares, encontro tantas outras comuns à natureza humana? (TNH 297)

Kant: - *É de fato* uma grande dádiva do céu ter um entendimento reto (ou, como recentemente o denominam, entendimento sadio) (...) Mas eu deveria pensar, na verdade, que Hume podia ter tanto direito de pretender ter um sadio entendimento quanto Beattie, e além disso, algo mais, que este certamente não possuía, ou seja, uma razão crítica, que delimite o entendimento humano para que ele não se perca em altas especulações (PRO, p. 104).

Hume: - Cada passo que dou é com hesitação, a cada nova reflexão temo encontrar um erro e um absurdo em meus raciocínios (TNH, p. 297).

Kant: - Erros de um homem tão penetrante e tão estimável (CRP, A 764 / B792, p. 612).

Hume: - Como posso estar seguro de que, ao abandonar todas as opiniões estabelecidas, estou seguindo a verdade? (TNH, p. 297)

Kant: - Como Hume é talvez o mais sutil de todos os céticos e, sem contradita, o mais notável no que respeita à influência que o método cético pode ter para provocar um exame profundo da razão, vale bem a pena, na medida em que é conveniente ao meu propósito, expor a marcha de seus raciocínios e os erros (...) erros estes que, porém, tiveram nascimento na pista da verdade (CRP, A 764 / B792, p. 612).

Hume: - E por meio de que critério a distinguirei, mesmo que a sorte finalmente me leve até ela? Após o mais cuidadoso e exato dos meus raciocínios, ainda sou incapaz de dizer que deveria assentir a ele; sinto apenas uma *forte* propensão a considerar fortemente os objetos segundo o ponto de vista em que me aparecem. (TNH, p. 297)

Kant: - Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as matérias da metafísica, admitindo que os objetos deveriam se regular pelo nosso conhecimento, o que assim já concorda melhor com o que desejamos, a saber, a possibilidade de um conhecimento *a priori* desses objetos, que estabeleça algo deles antes que nos sejam dados. Trata-se aqui de uma primeira semelhança com a primeira ideia de Copérnico (CRP, B XVI, p. 20)

Hume: - Nenhum objeto jamais revela, pelas qualidades que aparecem aos sentidos, tanto as causas que o produziram como os efeitos que surgirão dele; nem pode nossa razão, sem o auxílio da experiência, jamais tirar uma inferência acerca da existência real e de um fato (IEH, p. 138).

Kant: - Não resta dúvida que todo o nosso conhecimento começa com a experiência; efetivamente, que outra coisa poderia despertar e por em ação a nossa capacidade de conhecer senão os objetos que afetam os sentidos (...) Se, porém, todo o conhecimento se inicia *com* a experiência, isso não prova que todo ele derive *da* experiência. (CRP, B 1, p. 36)

Hume: - A experiência é um princípio que me instrui sobre as diversas conjunções dos objetos no passado. O hábito é um outro princípio, que me determina a esperar o mesmo para o futuro; e ambos, atuando conjuntamente com a imaginação, levam-me a formar certas ideias de uma maneira mais intensa e vívida que outras que não se fazem acompanhar da mesma vantagem (TNH, p. 297).

Kant: - Vejo um modo mais simples de sair do embaraço. Com efeito, a própria experiência é uma forma de conhecimento que exige concurso do entendimento, cuja regra devo pressupor em mim antes de me serem dados os objetos, por consequência, *a priori* e

essa regra é expressa em conceitos *a priori*, pelos quais têm de se regular necessariamente todos os objetos da experiência e com os quais devem concordar (CRP, B XVIII, p. 20).

Hume: - É uma questão de fato a de saber resolver se as percepções dos sentidos são produzidas por objetos exteriores a elas. Como resolver esta questão? Pela experiência, é claro, como todas as outras questões da mesma natureza. Mas aqui a experiência fica e deve ficar completamente muda. Nada está jamais presente ao intelecto a não ser as percepções, e não lhe é possível ter qualquer experiência das conexões destas com os objetos. As suposição de uma tal conexão não tem, por conseguinte, nenhum fundamento no raciocínio. A primeira objeção filosófica à evidência dos sentidos e à crença na existência exterior consiste no seguinte: se tal crença repousa sobre o instinto natural, é contrária à razão; e, se a referimos à razão, contraria o instinto natural e, ao mesmo tempo, não leva consigo nenhuma evidência racional capaz de convencer um investigador imparcial. A segunda objeção vai mais além, mostrando que essa crença é contrária à razão, pelo menos se é um princípio racional que todas as qualidades sensíveis se encontram na mente, e não no objeto. Despi a matéria de todas as qualidades inteligíveis, tanto primárias como secundárias, e de certo modo a tereis aniquilado, deixando apenas um *quê* desconhecido e inexplicável como causa de todas as nossas percepções; uma noção tão imperfeita que nenhum cético achará que valha a pena combatê-la (IEH, p. 193)

Kant: - Examinei em primeiro lugar, portanto, se a objeção de Hume não poderia ser tomada geral e logo descobri que o conceito de conexão entre causa e efeito não é de modo algum o único pelo qual o entendimento pensa *a priori* as conexões entre as coisas, mas, muito mais do que isso, a metafísica é totalmente constituída disso (PRO, p. 104).

Hume: - Aventurar-me-ia a afirmar, como uma proposição geral que não admite exceção, que o conhecimento dessa relação não é, em caso algum, alcançado por meio de raciocínios *a priori*, mas origina-se inteiramente da experiência, quando verificamos que certos objetos particulares estão completamente ligados uns aos outros (...) e tampouco a nossa razão, sem o socorro da experiência, é capaz de inferir o que quer que seja em questões de fato e de existência real (IEH, p. 138).

Kant: - Se a intuição tivesse de se guiar pela natureza dos objetos, não vejo como deles se poderia conhecer algo *a priori*; se, pelo contrário, o objeto (enquanto objetos dos sentidos) se guiar pela natureza da nossa faculdade de intuição, posso perfeitamente representar essa possibilidade (CRP, B XVII, p. 20)

Hume: - Parece evidente que jamais teríamos chegado à menor ideia de necessidade ou de conexão entre os objetos naturais, se todas as cenas da natureza estivessem continuamente mudando, de modo que não houvesse dois eventos semelhantes e se cada objeto fosse completamente novo, sem nenhuma similitude com qualquer coisa que foi antes vista. Poderíamos dizer, em tal suposição, que um objeto ou evento resulta de outro e não que um foi produzido pelo outro. A relação de causa e efeito seria completamente desconhecida dos homens. E, por conseguinte, terminariam as inferências e os raciocínios sobre as operações naturais; e a memória e os sentidos seriam as únicas vias de acesso do espírito na apreensão de uma existência real (IEH, p. 162).

Kant: - Hume pensava, embora talvez nunca o tivesse dito claramente, que, nos juízos de uma certa espécie, ultrapassávamos o nosso conceito de objeto. Designei por *sintéticos* todos os juízos dessa espécie. Como posso sair, mediante a experiência, do conceito que possuo, não se põe dificuldade. A experiência é, ela própria, uma síntese de percepções, que aumenta o conceito que já tenho por meio de uma percepção, através de outras percepções que se lhe acrescentam. Simplesmente pensamos também sair *a priori* do nosso conceito e alargar o nosso conhecimento. Tentamos isso, quer mediante o entendimento puro, relativamente ao que, pelo menos, pode ser um *objeto da experiência*, quer mesmo pela razão pura, com respeito a propriedades das coisas ou mesmo à existência de objetos que nunca se apresentaram na experiência. O nosso cético não distinguiu estas duas espécies de juízos, como deveria contudo fazer e considerou, sem mais, impossível este acrescentamento dos conceitos por si mesmos e, por assim dizer, esta geração espontânea do nosso entendimento (e da nossa razão) sem ser fecundada pela experiência. Portanto, teve por imaginários todos os pretendidos princípios *a priori* da razão e acreditou que nada eram a não ser um hábito resultante da experiência e suas leis, isto é, regras meramente empíricas, ou seja, contingentes, às quais atribuímos um pretensa universalidade. Referia-se, porém, ao princípio universalmente reconhecido da relação de causa e feito. (...)

Contudo, os erros cétricos deste homem, aliás penetrante, resultam de um defeito que tem de comum com todos os dogmáticos, a saber, de não considerar sistematicamente todas as espécies de síntese *a priori* do entendimento (CRP, A 765 / B 793, p. 612)

Hume: - Nossa ideia de necessidade e de causa surge inteiramente da uniformidade verificada nas operações da natureza, na qual os objetos semelhantes estão constantemente conjuntados e o espírito é determinado pelo costume a inferir um pelo aparecimento do outro. Estas duas circunstâncias compreendem toda a necessidade que atribuímos à matéria. Além da *conjunção* constante de objetos semelhantes e da conseqüente *inferência* de um para o outro, não temos nenhuma ideia de qualquer necessidade ou conexão (IEH, p.162).

Kant: - Hume tomou como ponto de partida um único mas importante conceito da metafísica, ou seja, o *da conexão entre causa e efeito* (e por conseguinte os conceitos daí derivados, de força, e ação, etc.) (...) Demonstrou de maneira irrefutável ser totalmente impossível à razão pensar esta conexão *a priori* e a partir de conceitos, pois ela encerra necessidade; não é, pois, possível conceber que, pelo fato de uma coisa ser, outra coisa deve ser necessariamente e como seja possível introduzir *a priori* o conceito de tal definição. A partir daí concluiu que a razão se engana completamente com este conceito ao considerá-lo sua própria criação, já que ele não passa de uma bastarda da imaginação, a qual, fecundada pela experiência, colocou certas representações sob a lei da associação, fazendo passar a necessidade subjetiva que daí deriva, ou seja, um hábito, por uma necessidade objetiva baseada no conhecimento. A partir daí concluiu que a razão não tem a faculdade de pensar tais conexões, mesmo de um modo geral, porque seus conceitos não passariam então de simples ficções e todos os seus pretensos conhecimentos *a priori* não seriam mais do que experiências comuns mal rotuladas, o que equivale afirmar: não há em parte alguma e nem pode haver uma metafísica (PRO, p. 102).

Hume: - Todo efeito é uma ocorrência distinta de sua causa. Não pode por isso, ser descoberto na causa, e sua primeira invenção ou concepção *a priori* deve ser inteiramente arbitrária. E mesmo depois que ele foi sugerido sua conjunção com a causa não parecerá menos arbitrária, visto existirem sempre muitos outros efeitos que devem parecer, à razão,

tão coerentes e naturais que esse. Seria em vão, pois, que pretenderíamos determinar qualquer ocorrência particular ou inferir qualquer causa e efeito sem o auxílio da observação e da experiência (IEH, p. 139).

Kant: A questão não era se o conceito de causa era certo, útil e indispensável pois isso Hume nunca colocara em dúvida; mas se era concebido *a priori* pela razão, tendo desta maneira uma verdade interior independente de toda a experiência, e, por conseguinte, uma utilidade mais ampla não limitada simplesmente aos objetos da experiência: a respeito disso, esperava Hume um esclarecimento. Estava em cogitação apenas a origem deste conceito e não sua utilidade indispensável; uma vez determinada esta origem, apresentar-se-iam espontaneamente as condições de sua utilização bem como o âmbito de sua aplicação (PRO, p. 103).

Hume: - Escuso de insistir nos argumentos mais triviais dos cétricos de todos os tempos contra a evidência de nossos *sentidos*, como os que derivam da imperfeição e da falibilidade de nossos órgãos em inúmeras ocasiões (...) Esses argumentos cétricos provam apenas que não devemos confiar implicitamente no testemunho exclusivo dos sentidos, mas que é preciso corrigir-lhes os dados pela razão (...) a fim de que se tornem (...) critérios adequados de verdade e falsidade. Parece evidente que os homens são levados por instinto ou predisposição natural a depositar fé em seus sentidos; e que, sem qualquer raciocínio, ou mesmo antes de fazer uso da razão, sempre supomos um universo exterior que não depende de nossa percepção, mas continuaria a existir ainda que nós e todas as outras criaturas sensíveis estivéssemos ausentes ou fôssemos aniquilados. (...) Também parece evidente que, quando os homens seguem esse cego e poderoso instinto da natureza, supõem que as imagens apresentadas pelos sentidos sejam os próprios objetos exteriores, e nunca suspeitam que as primeiras nada mais são do que representações dos segundos. Esta própria mesa branca e que sentimos dura, nós acreditamos que ela exista independentemente de nossa percepção e seja algo de exterior à nossa mente que a percebe. Nossa presença não lhe confere o ser ; nossa ausência não a aniquila. Ela conserva a sua existência uniforme e inteira, sem que nisso influa a situação dos seres inteligentes que a percebam ou contemplam. Somos forçados pela razão a contradizer os instintos primários da natureza, a afastar-nos deles e abraçar um novo sistema com respeito à evidência dos

nossos sentidos. Mas aqui a Filosofia se vê num embaraço extremo quando pretende justificar este novo sistema e ir ao encontro das cavilações e objeções dos cétricos. (...) justificar este novo sistema filosófico por uma cadeia de argumentações clara e convincente (...) algo que excede toda a capacidade humana. Com que argumentos provar que as percepções da mente devem ser causadas por objetos exteriores inteiramente diversos delas, embora assemelhando-se-lhes (se isso é possível), que não poderiam provir nem da energia da nossa mente, nem da sugestão de algum espírito invisível e desconhecido, nem de alguma causa ainda desconhecida de nós? (IEH, p. 192)

Kant: - Toda a polêmica cética é apenas propriamente dirigida contra o dogmático, que, sem desconfiar dos seus princípios objetivos originários, isto é, sem crítica, prossegue gravemente o seu caminho, e tem por finalidade simplesmente removê-lo dos seus planos e trazê-lo ao conhecimento de si mesmo. Em si, nada decide relativamente ao que sabemos e ao que não podemos saber. Todas as vãs tentativas dogmáticas da razão são *fatias*, que é útil submeter sempre à censura. Mas isto não pode decidir nada acerca da esperança da razão em alcançar um melhor resultado dos seus esforços no futuro e sustentar pretensões a esse respeito; a simples censura, portanto, nunca pode terminar a controvérsia sobre os direitos da razão humana. (CRP, A 763 / B 791, p. 611)

Hume: - É mais fácil impedir todo exame e investigação que refrear uma inclinação tão natural e nos guardar daquela certeza que surge sempre que examinamos um objeto de maneira exata e completa. Numa ocasião como essa, tendemos a esquecer não apenas nosso ceticismo, mas nossa modéstia também; e empregamos expressões como *é evidente, é certo, é inegável* – que uma devida consideração pelo público deveria, talvez, impedir. A exemplo de outros, também eu posso ter cometido essa falta; mas faço aqui uma ressalva contra qualquer objeção que se possa apresentar a isso; declaro que fui induzido a tais expressões pela visão presente do objeto, e que elas não refletem um espírito dogmático, nem uma imagem presunçosa de meu próprio juízo – sentimento que sei não serem apropriados a ninguém, muito menos a um cétrico (TNH, p. 306)

Kant: - Por ter conseguido solucionar o problema de Hume, não apenas em um caso particular, mas tendo em vista todo o poder da razão pura, só assim, então, pude avançar a

passos firmes, ainda que lentos, no sentido de determinar completamente e de acordo com princípios universais o âmbito da razão pura, tanto em seus limites como em seu conteúdo, pois isso era a única coisa da qual necessitava a metafísica para executar seu sistema segundo um plano seguro (PRO, p. 105),

Hume: - Em vão esperamos que os homens, levados pelas freqüentes decepções, abandonem por fim essas aéreas ciências e descubram a província da razão humana. Com efeito, (...) ainda resta uma esperança de que a diligência, a boa fortuna ou a maior sagacidade das gerações futuras possam fazer descobertas desconhecidas de épocas passadas. (IEH, p. 132).

Kant: - Confesso francamente: a lembrança de David Hume foi justamente o que há muitos anos interrompeu pela primeira vez meu sono dogmático e deu às minhas pesquisas no campo da filosofia especulativa uma direção completamente nova. Eu estava bem longe de dar ouvidos a suas conclusões, que resultavam simplesmente do fato de ele não se ter proposto sua tarefa em toda a sua amplitude, mas de ter visto apenas uma de suas partes, que, sem levar em consideração o todo, não pode dar informação alguma. Quando se parte de um pensamento já fundado, apesar de não mais ter sido desenvolvido, que um outro nos deixou, pode-se esperar ser possível levá-lo, através da reflexão, mais além do que o perspicaz homem, a quem se deve a primeira centelha de luz, o levou (PRO, p. 104).

Hume: *Todo gênio aventureiro continuará a ansiar pelo cobiçado prêmio e sentir-se estimulado ao invés de desencorajado pelos insucessos de seus predecessores, acreditando que a glória de realizar tão alto feito está reservada a ele e a ninguém mais (IEH, p. 132).*

Kant: *Poder-se-á contudo perguntar: que tesouro é este que tencionamos legar à posteridade nesta metafísica depurada pela crítica e, por isso mesmo, colocada num estado duradouro? (...) Se, pois, não é difícil deixar à*

posteridade o legado de uma metafísica sistemática, concebida segundo o plano da crítica da razão pura, não será para menosprezar esta dádiva (CRP, B XXIV-XXX, pp. 24-27).

Abreviações das obras:

TNH - *Tratado da natureza humana*;

IEN – *Investigação sobre o entendimento humano*;

PRO – *Prolegômenos a toda metafísica futura que possa apresentar-se como ciência*;

CRP – *Crítica da razão pura*.

Referências bibliográficas

HUME, David. *Tratado da natureza humana*. Tradução de Deborah Danowski. 2ª ed. S. Paulo: Ed. UNESP, 2009.

_____. *Investigação sobre o entendimento humano*. Tradução Leonel Vallandro. 1ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1973 (Col. “Os Pensadores”).

KANT, Immanuel. *Prolegômenos a toda metafísica futura que possa apresentar-se como ciência*. Tradução Tânia Maria Bernkopf. 1ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1974 (Col. “Os Pensadores”).

_____. *Crítica da razão pura*. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Mourão. 3ª ed. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1994.